

29 AGO 1988

**O sonho de Sarney**

O presidente Sarney ainda alimenta a esperança de influir na futura sucessão presidencial. Acredita que terá de promover radical transformação na vida econômica do País para melhorar a sua imagem, bastante comprometida perante a opinião pública. O líder do PFL no Senado, Marcondes Gadelha, afirma que o Presidente quer intensificar o combate à inflação a partir do próximo ano, quando espera obter resultados concretos, a curto prazo.

A idéia de Sarney é chegar ao final do próximo ano com uma inflação mensal que não ultrapasse a taxa de cinco por cento — garante Marcondes Gadelha. Diante do espanto do repórter, Gadelha argumenta que uma inflação de seiscentos ou oitocentos por cento ao ano, ou de mais de mil, como no caso boliviano, poderá ser drasticamente reduzida, dependendo do tratamento que for aplicado.

Não é difícil promover a reversão, como se imagina, segundo o raciocínio desenvolvido pelo líder do PFL. Essa é a idéia do Governo e de alguns dos seus aliados, mas não é a impressão geral. No Congresso, entre economistas de renome — como Delfim, José Serra, Francisco Dornelles, Roberto Campos —, o ambiente é de profundo pessimismo.

As informações que chegam do Palácio do Planalto dão conta de que o Presidente da República está desmontando a chamada Operação Desmonte, designação dada pelos técnicos da Seplan ao programa de cortes de um trilhão e 300 bilhões de cruzados

no Orçamento do próximo ano, adaptando as despesas da União à receita prevista, depois da transferência de recursos a estados e municípios promovida pela nova Constituição.

O Presidente da República já reduziu os cortes para setecentos bilhões, e há indicações de que a soma poderá baixar ainda mais. Segundo informações que circulam no Congresso, Sarney tem consciência de que as concessões que está fazendo, em face das pressões, desfiguram a política de austeridade considerada indispensável para reduzir o déficit público e preparar caminho para uma queda da taxa inflacionária.

Chegam informações do Palácio do Planalto de que o chefe do Governo está atravessando um daqueles períodos de depressão. "O Presidente está se sentindo abandonado, politicamente" — dizia-nos um dos políticos do PFL mais ligados a Sarney. Esse estado de espírito depressivo é agravado pela enfermidade que acometeu sua secretária particular de longa data, Vera Sabará, a popular Verinha.

É forçoso reconhecer que um governo impopular e politicamente frágil, como o de Sarney, não pode encontrar facilidade para armar programa coerente de combate à inflação e de cortes nas despesas públicas. Seus aliados e até os auxiliares imediatos se transformam nos grandes inimigos de um programa coerente que o Executivo deseje levar adiante.